

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE HANNAH ARENDT E WALTER BENJAMIN¹

Jenerton Arlan Schütz².

¹ Projeto de extensão realizado no curso do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (Mestrado) da Unijuí.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - Bolsista TAXA - PROSUP/CAPES. E-mail: jenerton.xitz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É normal ouvirmos ou nos depararmos com propostas educacionais que destacam o seu caráter inovador, rejeitando princípios tradicionais, ou ainda, de uma educação considerada “tradicional” e conseqüentemente ultrapassada. O pensador Dewey (1976), por exemplo, em sua obra *Experiência e educação*, caracteriza um contraste entre a educação tradicional e a então considerada educação “nova”. Segundo este autor, a primeira tem por objetivo transmitir as informações, competências, habilidades e padrões de conduta do passado, enquanto a segunda se considera contrária a essa concepção de educação e aponta mudanças. Conforme o pensamento de Dewey (1976, p.6-7), “À imposição de cima para baixo, opõe-se a expressão e cultivo da individualidade, à disciplina externa, opõe-se a atividade livre; a aprender por livros e professores, aprender por experiência [...]”. Fica bem claro ao associar de um lado, a tradição à imposição, à disciplina, aprender com livros e professores e, de outro, estabelece-se uma vinculação entre individualidade, liberdade e experiência individual.

Este trabalho pretende apresentar não o adjetivo de “tradicional”, mas uma análise do substantivo de tradição, além de abordar a relevância que a tradição assume em uma educação para a responsabilidade pela formação ético-política de seus educandos. Asseguramos que as concepções de tradição, individualidade, liberdade, experiência não são fundamentalmente incompatíveis entre si, recorrendo, para tanto, ao pensamento de Hannah Arendt e Walter Benjamin. É importante destacar que ambos os autores são motivados a pensar a tradição quando constatarem sua perda na modernidade. Para Benjamin (2012), por exemplo, a arte de comunicar experiências está em vias de extinção e, no entanto, é justamente nesse momento que podemos perceber com mais nitidez aquilo que está desaparecendo. Assim, finalmente indagaremos sobre as conseqüências que essa perda pode resultar para a educação.

METODOLOGIA

O presente artigo tem por objetivo analisar aspectos da noção de tradição em Hannah Arendt e Walter Benjamin. Desse modo, aponta a relevância da tradição para uma formação ético-política, sustentando a ideia de que uma “educação tradicional” pode ajudar para que os educandos delineiem sua pertença no mundo que compartilham com os outros. Defende-se ainda, que a apropriação de tradição herdadas, ao contrário do que muitas vezes se afirma, não inviabiliza

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

necessariamente a liberdade dos educandos. Assim, o estudo discute as repercussões da perda da tradição para a educação, problematizando se ainda é possível contribuir com os mais novos quando o passado parece não ter mais nada para nos dizer e, num momento em que nos perguntamos se ainda temos algo a transmitir aos novos. Indagamos, dessa forma, de que forma podemos nos responsabilizar pela educação dos novos quando não temos mais uma tradição que nos une e orienta, ou um corrimão do qual possamos compreender nossas experiências. Sem indicar soluções, ressaltamos a importância de a educação não poder abrir mão dos mais novos e, fundamentalmente, a relação significativa com o passado, mesmo na ausência da tradição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

TRADIÇÃO

O termo “tradição” provém do latim *traditio*, que, por sua vez, vem do verbo *tradere*, que significa, entregar, passar para frente, narrar, relatar, confiar, memória (CALDAS, 2011, p.1350). A tradição é, assim, algo que é entregue de uma pessoa para outra, ou de forma melhor, de uma geração a outra, pelos mais velhos aos mais novos. Transmite-se, passa-se o que vem do passado às gerações mais novas, pois elas não sabem e não conhecem aquilo que as antecede no tempo.

Cabe ressaltar que nem tudo que está localizado no passado é considerado tradição. Só podemos passar para frente aquilo que vale a pena ser lembrado, aquilo que não se quer perder, que constitui uma memória e que tão preciso que é não se pode relegar ao esquecimento. Assim, a tradição pressupõe um olhar voltado ao passado, um olhar seletivo, que discerne aquilo que se deseja preservar daquilo que será esquecido. Caso o passado seja apenas marcado por fatos, a tradição, segundo Arendt (2003, p.2013, p.31), “[...] seleciona e nomeia, transmite e preserva, indica onde se encontram os tesouros e qual o seu valor”. Ela pressupõe, portanto, opções baseadas em determinados valores e também princípios. Podemos, desse modo, dizer que a autora faz uma “leitura” do passado e, desse modo, não representa um relato “objetivo” ou neutro, mas diz respeito a uma herança que depende de escolhas tanto daqueles que a entregam como daqueles que a recebem. Para a autora, a tradição é como um testamento, no qual os antecessores devem decidir o que e como entregar o seu legado para aqueles que chegarão. Essa herança não se compõe apenas por aspectos materiais, mas inclui saberes e conhecimentos, princípios e compreensões. A visão de discernir é um elo que liga uma geração a outra, algo que nós (com)partilhamos com aquele que viveram no mesmo lugar, mas em outro tempo (ARENDR, 2013).

A partir disso, é importante destacar que a herança não é fruto de uma escolha individual. Do mesmo modo que não criamos ou inventamos a tradição, mas ela nos é (re)passada, transmitida. Refere-se a um vínculo que temos com o passado e que compartilhamos com os outros. Com os outros, temos uma história comum e o significado da história nos une com aqueles que são herdeiros do mesmo testamento, ou seja, pertencemos de uma comunidade de sucessores. Nesse sentido, a tradição é fundamental para que exista um “nós” e não apenas um grupo de “eus”. Ter uma história comum é importante, mesmo que não seja a única, possibilita a existência de um mundo comum. Apesar de todas as discordâncias e conflitos possíveis, pode haver algo que se tem em comum, algo que, justifica vivermos com aqueles que, assim como nós, vieram integrar uma história que começou em outro tempo, muito antes de suas histórias individuais.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

No momento em que consideramos a tradição fundamental para a existência de um mundo comum, podemos nos indagar se isso não significa uma limitação da liberdade individual. O fato de a tradição não ser uma escolha individual, podemos considerá-la uma imposição? Ou ainda, a tradição não impede a liberdade individual? Num primeiro momento, talvez, pudéssemos dizer que sim, afirmando que os conceitos de tradição e de liberdade são contrários. Porém, é fundamental aprofundarmos essa questão.

É notável entender a liberdade como não restrição em realizar as nossas vontades ou desejos. Nesse sentido, a liberdade não depende de laços, de compromissos e na ausência dos outros. Indiferente se exista uma possibilidade de uma liberdade negativa, podemos considerar que a liberdade que busca realizar os nossos desejos – reais ou inventados -, é de fato incompatível com a tradição. A tradição necessita de um “nós” para sobreviver, isto é, precisa de uma pertença a um determinado lugar e a uma determinada comunidade. Estar neste mundo compartilhado não significa concordar com tudo ou simplesmente negar as diferenças, mas pressupõe ter algo em comum. Há, portanto, um vínculo que impede a total liberdade de movimento que uma ausência de laços e compromissos possibilitaria. A tradição que segundo Arendt (2013) deve indicar onde estão os tesouros e qual o seu valor estabelece ainda compromissos, significados que antecedem as opções pessoais. Assim, podemos notar que há aqui limites para as nossas realizações.

A existência de um mundo comum, apresenta uma liberdade que é muito mais significativa do que uma mera liberdade considerada negativa. A existência de um mundo compartilhado, oportuniza a participação de todos em uma história comum e, assim, a oportunidade de intervir na história, transformando-a. Diante disso, a tradição não tolhe a liberdade, mas dá, justamente, um conteúdo em relação ao qual ela pode ser efetivada.

Nessa direção, Benjamin (2012), em seu ensaio sobre “O narrador”, considera a tradição viva de modo muito importante. A tradição aparece aqui como algo a ser transmitido ou comunicado a partir de experiências. As experiências são contadas pelos mais velhos, àqueles que possuem o dom de narrar as experiências de um lugar; as histórias sempre têm algo a nos dizer, algo que podemos aprender. O narrador é aquele que se apropriou dessas experiências, que podem ser ou não algo que ele tenha vivenciado. As histórias fazem parte de um tesouro, de uma determinada tradição. É a partir do narrador, que a história ganha uma visão única e, assim, os ouvintes, por sua vez, vão se apropriar cada um de seu modo da história, da experiência narrada.

Assim, as histórias vão se alterando, sempre há mudanças e acréscimos, que antes pertenciam ao segundo plano, podem agora, ter relevância. Para Benjamin, o narrador não é simplesmente aquele que repete, mas sim, transformar, fazendo dele a sua narrativa:

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir o ‘puro em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p. 221).

É importante destacar que a marca do narrador não é menos preciosa do que o conteúdo da história; pelo contrário, cada nova marca, acréscimo é que a história fica mais valiosa. Uma narração perfeita, segundo Benjamin (2012) é aquela que possui várias renarrações. É quando surgem pessoas, em diferentes tempos, com diferentes preocupações e interesses, retomam a

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

história e estabelecem uma nova relação com ela, ela se torna cada vez mais valiosa quando alguém a relaciona com uma nova ou própria experiência, ressignificando-a novamente.

Desse modo, é importante destacar que a relação entre a liberdade individual e a tradição, convergem no momento em que compartilhamos e relacionamo-nos com esse mundo que herdamos. Pois, não há um “eu” antes do mundo ou isoladamente dele, é o mundo que se estabelece anteriormente e, em seu contexto o “eu” se estabelece. Almeida (2011), reitera que o nosso legado é como um espelho que passa a refletir a nós mesmos naquilo que é anterior a nós. Porém, não é imediato que nos enxergamos nesse espelho, é preciso que nos reconheçamos nele. Esse “reconhecer” é compreender que pertencemos a uma história mais ampla, que revela, a partir da tradição, quem somos ou quem podemos vir a ser.

EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO

Para Arendt (2010), a tradição possui um lugar crucial na educação, isto é, a relação entre elas compartilha algo fundamental, a continuidade do mundo depois que aqueles que o habitam se forem. A continuidade é preocupação de toda geração, cujo início sempre será vivenciado, mas a continuação não. Esse lugar, em oposição à breve estadia de cada ser humano, é para Arendt (2010), potencialmente imortal, ele depende da entrada e saída constante de cada ser humano. Para ser preservado contra a mortalidade de seus criadores e habitantes, ele deve ser continuamente posto em ordem (ARENDRT, 2013).

Porém, aqueles que nascem no mundo ainda não o conhecem, eles são como estrangeiros neste lugar, necessitam ser familiarizados com seus saberes e suas práticas, além de aprender as linguagens para serem capazes de se sentir em casa neste mundo. Essa tarefa de acolher os novos e mostrar à eles como o mundo é e introduzi-los nesse mundo público é da educação. É a escola que deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, é ela que cuida do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para a continuidade dele. É a partir da educação que também se acolhe os recém-chegados, que têm o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para depois buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros.

Para Arendt (2013, p.239), mostrar o mundo para os recém-chegados é tarefa dos mais velhos, pois, são eles que já participaram ou estão participando do percurso do mundo e são corresponsáveis por ele, “face à criança é como se o professor fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o nosso mundo”. O professor é o elo entre uma geração e outra, entre o novo e o velho, entre o mundo e a criança, não passa apenas a instruir ou passar informações, mas familiariza os recém-chegados com algo que deve ser preservado, que possui significado para ele e que, passa ganhar significado para os novos. Na reflexão de Carvalho (2013), em sua obra Reflexões sobre educação, formação e esfera pública, o autor sustenta que a educação tem como tarefa familiarizar os alunos com nossas heranças históricas comuns, por meio delas que possibilitamos o surgimento de novas formas de expressão.

Nesse sentido, percebemos a enorme relação entre o professor a figura do narrador de Benjamin, pois, é o professor que transmite as experiências e os saberes construídos ao longo do tempo, as descobertas e os conflitos, as realizações do passado, isto é, apresentado as tradições constituídas que lhes são legadas. Assim, na medida em que os alunos se reconhecem nessas histórias, passam a

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

fazer parte desse mundo que compartilhamos. São os novos que darão continuidade às histórias que foram narradas, mas só poderão fazer isto se a educação possibilitar, em primeiro lugar, a apropriação desse lugar, e que depois vão fazer parte do “seu” mundo.

Destacamos que este é o grande desafio da educação, uma educação voltada ao passado na esperança de um futuro melhor para o mundo e as crianças, um futuro que preserve os tesouros e mostre o seu valor. Educar é, em grande parte, inserir os novos numa tradição viva e em constante mudança. “Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora [...]” (ARENDDT, 2013, p.243).

A CRISE NA EDUCAÇÃO E A PERDA DA TRADIÇÃO

Segundo Benjamin (2012, p.123),

[As] experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?

Percebemos que Benjamin (2012), quando escreve sobre o narrador, ele se refere a uma figura que não existe mais, não possuímos mais histórias para contar, pelo fato de não termos mais experiências para comunicar. Nós não temos mais a metáfora do espelho para nos reconhecer no mundo, que se tornou anônimo. Ele parece assustador, não temos mais rosto e história, tornamo-nos em partículas empurradas por engrenagens que não controlamos, como o progresso tecnológico, a economia e, segundo Benjamin (2012, p.214), citando a Primeira Guerra Mundial, nos apresenta que

Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que anda permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.

A guerra, sem sentido algum, devido às novas armas, se transformou em um momento onde as pessoas se tornaram mudas, sem palavras para narrar tudo que aconteceu. “[...] ao final da guerra, os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável” (BENJAMIN, 2012, p.214). Quem poderia ser personagem da história, agora é reduzido a um ser supérfluo. Quando Arendt aborda a tradição, ela considera que não existe mais, pois o passado perdeu sua autoridade, não é mais um chão seguro no qual podemos nos movimentar. Não há mais história para compartilhar, e o mundo moderno se vê frente a perda de qualquer referência comum. Tudo isso, leva Arendt (2013, p.127) a iniciar sua reflexão com a frase

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

de René Char: “nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento” a fim de mostrar a quebra entre o passado e o futuro.

Destacamos que ainda temos informações sobre o passado, os acontecimentos, as obras que ficaram, os conflitos, mas, não possuímos a tradição que nos diz onde estão os tesouros e qual é o seu valor, constituindo um mundo com o amontoado de coisas sem sentido e memória. Recordamos o que possui significado para nós mesmos, por isso que as narrativas são recordadas, pois é nelas que estão os fatos transformados em histórias e, sem elas, não haverá futuro, pois não haverá uma história comum a ser compartilhada e continuada. Sem a tradição não temos continuidade consciente no tempo e, portanto, nem passado nem futuro, somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem (ARENDRT, 2013).

Assim como Arendt, Benjamin também não nos oferece soluções. Ele, junto com Franz Kafka, parece resignar a uma “longa paciência às vezes desesperada, essa morada exta e atenta no desmoronamento, pois não é possível, ou, pelo menos, ainda não é possível, nem voltar para trás, para uma harmonia ancestral, nem reconstruir um outro mundo” (GAGNEBIN, 2011, p.67). Para Arendt (2013, p.245), a perda da tradição é irreparável, pois, “não se pode, onde quer que a crise haja ocorrido no mundo moderno, ir simplesmente em frente, e tampouco simplesmente voltar para trás”.

CONCLUSÃO

Essa perda chega a educação em sua essência. Quando não há mais nada a transmitir, não há mais conselhos para dar, não possuímos mais o que comunicar aos recém-chegados. Consequentemente, não familiarizamos os recém-chegados, não convidamos eles a fazer parte deste mundo, se bem que, nem nós nos sentimos em casa nele. Logo, a educação não possui vínculo e compromisso com um mundo compartilhado. Mesmo sem dar solução, Arendt toma uma posição surpreendente, mesmo que a tradição levou ao impasse na educação, ela considera, que não podemos abrir mão dos recém-chegados ou desistir da educação. Assim, “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele [...]. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las nosso mundo” (ARENDRT, 2013, p.247). Mesmo se ver saída, Arendt não nos isenta da responsabilidade dupla, as crianças e o mundo.

Nessa direção, a autora reitera que é preciso “encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja” (ARENDRT, 1989, p.12). É preciso resistir a sociedade atomizada, sociedade esta, incapaz de se comunicar, que não possui experiências compartilhadas, grosso modo, precisamos acreditar e apostar na existência de um mundo comum, Arendt aprendeu com Benjamin que, na ausência de uma tradição, pode-se “descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDRT, 2008, p.208-209).

A educação perde seu sentido se os mais velhos (professores) não têm mais nada a ensinar, mas, quem sabe, possamos encontrar nesse passado fragmentado algo que vale a pena “citar”, não para conservá-lo intocado, mas para que possamos nos apropriarmos dessa “citação” ao nosso modo. Que seja isso que possamos ensinar e confiar aos nossos educandos, para que tenham a chance de atribuir um sentido ao presente como continuidade de uma história que os antecedeu, de fato ou enquanto narrativa, e continuará depois deles.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Palavras chave: Educação. Tradição. Hannah Arendt. Walter Benjamin.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. S. Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11.ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Walter Benjamin: 1892-1940. In: ARENDT, H. Homens em tempos sombrios. Tradução de Denise Bottmann e Posfácio Celso Lafer. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 8.ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CARVALHO, J. S. Reflexões sobre educação, formação e esfera pública. Porto Alegre: Penso, 2013.

DEWEY, John. Experiência e educação. Tradução de A. Teixeira. 2.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

GAGNEBIN, J.M. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2011.